

Deuteronômio 17: A Legislação da Santidade

Um comentário bíblico exegético, versículo por versículo, com abordagem cristocêntrica e acadêmica sobre um dos capítulos mais ricos da legislação mosaica — revelando o padrão de Deus para uma nação escolhida e sua plena consumação em Cristo Jesus, o Rei dos reis.

📖 COMENTÁRIO EXEGÉTICO

DEUTERONÔMIO 17 — KJA

✝️ ABORDAGEM CRISTOCÊNTRICA

Versículo 1 — O Sacrifício Sem Mácula

"Não oferecerás ao Senhor teu Deus boi nem ovelha que tenha algum defeito ou qualquer coisa má, pois isso é abominação ao Senhor teu Deus." — Deuteronômio 17:1 (KJA)

O texto hebraico emprega a palavra **mûm** (מִּמ), significando defeito, imperfeição física ou moral visível. A lei do sacrifício não era mera formalidade ritualística; ela comunicava uma teologia profunda: **Deus é digno do que é melhor**. Trazer um animal defeituoso ao altar era uma afronta à santidade divina e uma declaração implícita de que Deus não merecia o melhor dos frutos do trabalho humano.

Do ponto de vista cristocêntrico, este versículo aponta com extraordinária precisão para o sacrifício perfeito de Cristo. O Cordeiro de Deus é descrito em 1 Pedro 1:19 como "sem defeito e sem mácula" — a antítese absoluta de qualquer oferta imperfeita. Onde Israel frequentemente falhava em oferecer o melhor, Cristo, o verdadeiro Israel, Se ofereceu voluntariamente como oferta absolutamente imaculada ao Pai.

A expressão "abominação ao Senhor" (*tô'ēbāh*) revela a seriedade com que Deus trata a mediocridade espiritual. Não se trata de um rigor legalista, mas da revelação de que a adoração genuína nasce do coração que não poupa o melhor para Deus.



Conexão Cristológica: Cristo é o único sacrifício sem defeito, cumprindo plenamente o que toda oferta do Antigo Testamento prefigurava (Hebreus 9:14).

Versículo 2 — A Vigilância Contra a Idolatria

O versículo 2 estabelece o contexto jurídico para uma das mais sérias transgressões da Torá: a violação da **berît** (בְּרִית), a Aliança. O texto diz: *"Se for achado no meio de ti, dentro de alguma das tuas portas que o Senhor teu Deus te dá, algum homem ou mulher que haja feito o que é mau perante os olhos do Senhor teu Deus, transgredindo a sua aliança..."* O uso da expressão "dentro de alguma das tuas portas" indica que a idolatria era tratada como um crime público, não apenas uma questão privada de consciência.

A Ruptura da Aliança

Adorar o sol (*shemesh*), a lua (*yārēah*) ou os astros (*šābā'*) representava a rejeição do Senhor como único soberano. No antigo Oriente Próximo, esses corpos celestes eram deidades poderosas — Baal, Astarte, Moloque. Israel era chamado a ser radicalmente diferente.

A Dimensão Comunitária

O pecado de um membro afetava toda a comunidade. Esta visão coletiva do pecado contrasta com o individualismo contemporâneo e ressoa nas cartas paulinas sobre a integridade do Corpo de Cristo (1 Coríntios 5:6).

Aplicação Cristocêntrica

Cristo cumpriu a fidelidade à Aliança que Israel não conseguiu manter. Ele é o Servo fiel que nunca dobrou os joelhos perante nenhum ídolo, nem mesmo quando tentado no deserto por todas as glórias do mundo (Mateus 4:8-10).

Versículos 3–5 — Tolerância Zero com o Mal

Texto Base (KJA)

"...e for e servir a outros deuses, e se inclinar a eles, ao sol ou à lua ou a qualquer anfitrião do céu, o que eu não ordenei; ...então trarás aquele homem ou aquela mulher... e apedrejarás aquela pessoa até que morra."

A pena de morte por apedrejamento (*sāqal*) é severa aos olhos modernos, mas deve ser lida dentro do contexto teocrático de Israel. A nação era uma comunidade sacerdotal, e a presença de Deus habitava literalmente no meio deles.

Exegese e Teologia

A gravidade da punição revelava a gravidade do crime: rejeitar o Senhor em uma teocracia era equivalente a traição ao soberano do Estado. O sistema judicial mosaico não era um exercício de crueldade, mas um mecanismo de preservação da santidade da comunidade aliancial.

O versículo 5 especifica que a execução deveria acontecer "às tuas portas" — publicamente, com toda a comunidade como testemunha. Isso servia como dissuasão e como afirmação coletiva de que o mal não seria tolerado.



Nota Hermenêutica: Estas leis civis do Antigo Testamento são de aplicação teocrática e não devem ser transplantadas literalmente para governos seculares modernos, mas revelam princípios atemporais sobre a seriedade do pecado diante de Deus.

Versículos 6–7 — O Princípio das Duas Testemunhas

Um dos mais importantes princípios de jurisprudência do mundo antigo está aqui estabelecido: *"À boca de duas testemunhas, ou de três testemunhas, morrerá o que houver de morrer; não morrerá à boca de uma só testemunha."* Este princípio reflete o compromisso de Deus com a **justiça processual** — mesmo em casos de crimes capitais, a evidência deveria ser rigorosamente verificada.



Proteção Contra a Injustiça

O requisito de múltiplas testemunhas protegia o inocente de acusações falsas motivadas por inveja, ódio ou interesses pessoais. Era uma barreira contra o abuso do poder judicial.



Responsabilidade Comunitária

As testemunhas deveriam ser as primeiras a lançar pedras (v.7), tornando-as co-responsáveis pela execução. Isso desincentivava o falso testemunho, pois ninguém queria ter sangue inocente nas mãos.



Eco no Novo Testamento

Jesus reafirmou este princípio em Mateus 18:16 e João 8:17. Paulo o citou em 2 Coríntios 13:1. O próprio julgamento de Jesus foi uma violação gritante deste preceito — testemunhas falsas e contraditórias (Mateus 26:60).

A exigência das duas ou três testemunhas não apenas protegia o indivíduo, mas também santificava o processo judicial, reconhecendo que toda sentença humana é, em última instância, uma representação do juízo divino. O versículo 7 conclui com uma frase que aparecerá repetidamente em Deuteronômio: **"Assim eliminarás o mal do teu meio"** — a purgação do mal como responsabilidade coletiva e ato de adoração.

Versículos 8–9 — O Tribunal Supremo

Quando os casos locais se tornavam excessivamente complexos — envolvendo distinções entre homicídio doloso e culposos, disputas de propriedade ou casos de lepra — o texto instrui que o povo deveria subir ao lugar escolhido por Deus e comparecer diante dos **sacerdotes levitas e do juiz** que estivesse no exercício de suas funções. Esta instituição de um tribunal superior representava o embrião de um sistema judicial em camadas.

O Papel dos Sacerdotes

A presença dos sacerdotes levitas no tribunal supremo sublinha que, em Israel, a lei civil e a lei religiosa eram inseparáveis. Os sacerdotes eram os guardiões da *Torá* e, portanto, os intérpretes autorizados da vontade divina em questões jurídicas ambíguas. Isto não era um estado teocrático no sentido coercitivo, mas uma teonomia — a lei de Deus como fundamento de toda jurisprudência.

Projeção Cristocêntrica

Cristo é o Sumo Sacerdote que resolve definitivamente toda questão de lei e graça (Hebreus 4:14-16). Ele é também o Juiz eterno (João 5:22) e o Legislador supremo que não veio abolir a lei, mas cumpri-la em sua plenitude (Mateus 5:17). O tribunal supremo terreno apontava para o trono celestial do Verbo encarnado.

Versículo 10 — Submissão ao Juízo Divino

"E farás segundo o que eles, que o Senhor escolher, te declararem; e cuidarás de fazer conforme tudo o que te ensinarem." — Deuteronômio 17:10 (KJA)

O versículo 10 é uma declaração radical de **submissão teocêntrica**. A expressão "o lugar que o Senhor escolher" (*hammāqôm 'āsher-yibḥar YHWH*) é uma das fórmulas mais características de Deuteronômio, aparecendo mais de vinte vezes. Ela aponta primariamente para Jerusalém e, tipologicamente, para Cristo como o lugar definitivo onde Deus Se encontra com a humanidade (João 4:21-24).

Obediência Integral

A instrução "farás conforme tudo" não admite obediência seletiva. A lei de Deus não é um cardápio onde o adorador escolhe os itens mais convenientes.

O Ensino como Mediação

Os sacerdotes ensinavam a lei — a mesma função que Cristo exerceu como o Rabbi supremo cujas palavras "têm espírito e vida" (João 6:63).

O Lugar Escolhido

Tipologicamente, Cristo é o único lugar onde Deus habita em plenitude (Colossenses 2:9) e o único mediador entre Deus e os homens (1 Timóteo 2:5).

Versículos 11–13 — O Fim da Soberba



Os versículos 11 a 13 estabelecem uma das leis mais severas do código deuterônômico: aquele que **age com soberba** e se recusa a obedecer à sentença do sacerdote ou juiz deve ser punido com morte. O termo hebraico *zādhôn* (soberba, presunção) aponta para uma atitude deliberada de desafio à autoridade constituída por Deus.

Esta lei não era sobre erros involuntários ou ignorância da lei. Era sobre o recuso *consciente e arrogante* de se submeter ao juízo legítimo. Na teologia do Antigo Testamento, tal atitude equivalia a rejeitar o próprio Deus que havia instituído aquela autoridade.

❏ **Princípio Eterno:** Romanos 13:1-2 e 1 Pedro 2:13-14 refletem este princípio no contexto do Novo Testamento — a submissão às autoridades é, em última instância, submissão ao soberano Deus que as ordena.

O versículo 13 conclui com o efeito pedagógico desejado: *"E todo o povo ouvirá e temerá."* A justiça firme não é vingança — é educação moral de uma nação. Cristo, o perfeito obediente, nunca agiu com *zādhôn* — Ele Se humilhou até a morte de cruz (Filipenses 2:8).

Versículo 14 — O Desejo pela Monarquia

Com notável perspicácia profética, Moisés antecipa que Israel, após entrar na terra prometida, pedirá um rei: *"Quando tiveres entrado na terra que o Senhor teu Deus te dá, e a possuíres, e nela habitares, e disseres: Porei sobre mim um rei como todas as nações que estão em redor de mim..."* Esta predição se cumpriu séculos depois, em 1 Samuel 8, quando o povo exigiu um rei ao profeta Samuel.

1

A Profecia de Moisés

Deuteronômio 17:14
— antecipação profética da monarquia antes mesmo da conquista de Canaã.

2

O Pedido do Povo

1 Samuel 8 — Israel rejeita o governo de Deus e exige um rei humano "como as nações".

3

Saul e Davi

O fracasso de Saul e a promessa davídica apontam para um Rei perfeito que viria da linhagem de Judá.

4

O Rei Eterno

Jesus Cristo, o Filho de Davi, cumpre toda expectativa real de Israel — o Rei cujo reino não terá fim (Lucas 1:33).

A soberania de Deus sobre a escolha do líder é afirmada implicitamente no versículo: o povo pode desejar, mas é Deus quem determina. A história da monarquia israelita é uma longa lição de que o governo humano, por mais ungido que seja, não pode substituir o Rei divino.

Versículo 15 — O Perfil do Líder Cristocêntrico

O versículo 15 estabelece dois critérios fundamentais para o rei de Israel: *"De certo porás sobre ti aquele que o Senhor teu Deus escolher; um irmão teu porás sobre ti; não poderás pôr sobre ti um homem estrangeiro, que não seja teu irmão."* O primeiro critério é a **escolha divina** — o rei deve ser aquele que o Senhor elege, não o produto de ambição humana ou sucessão dinástica automática. O segundo critério é a **identificação com o povo** — ele deve ser um "irmão", alguém que compartilha da mesma história, cultura e fé.

O Rei como Irmão

A palavra "irmão" (*'āh*) é profundamente significativa. O rei não devia ser um monarca distante e absoluto, mas alguém enraizado na realidade do seu povo. Esta exigência se cumpre perfeitamente em Cristo, que Se fez carne e habitou entre nós (João 1:14), que não Se envergonha de chamar os redimidos de "irmãos" (Hebreus 2:11), e que experimentou todas as fragilidades humanas, exceto o pecado (Hebreus 4:15).

Escolha Divina e Encarnação

A exigência da escolha divina do rei ressoa com a eleição eterna do Filho. Cristo não Se autoproclamou Rei — foi o Pai quem O ungiu com o Espírito (Atos 10:38) e O exaltou ao trono supremo (Filipenses 2:9-11). O modelo de liderança cristã nasce desta inversão paradoxal: o maior deve ser servo de todos (Marcos 10:44).

Versículo 16 — O Perigo da Dependência Militar

"Mas não multiplicará para si cavalos, nem fará o povo tornar ao Egito para multiplicar cavalos; pois o Senhor vos disse: Não voltareis mais por este caminho." — Deuteronômio 17:16 (KJA)

No mundo antigo, a cavalaria era o equivalente do armamento nuclear contemporâneo — o símbolo máximo do poderio militar. O Egito era o maior fornecedor de cavalos da região. A proibição de multiplicar cavalos era, portanto, uma proibição teológica de confiar no poder bélico humano em lugar da proteção divina.

Não Multiplicar Cavalos

Cavalos representavam autossuficiência militar. O Salmo 20:7 declara: "Estes confiam em carros, e aqueles em cavalos, mas nós nos lembramos do nome do Senhor nosso Deus." Salomão violou este preceito importando 12.000 cavaleiros (1 Reis 4:26) — e seu reino declinou.



Não Voltar ao Egito

O Egito era o lugar da escravidão. O veto ao retorno representava um princípio espiritual profundo: a redenção é irreversível. Quem foi libertado não pode buscar segurança no sistema que o escravizava. Para o cristão, voltar ao Egito é regredir à escravidão do pecado (Gálatas 4:9).

Cristo, Nossa Força

Jesus entrou em Jerusalém montado num jumentinho (Zacarias 9:9; Mateus 21:5) — a antítese do rei que multiplica cavalos. Seu reino não se estabelece pela força das armas, mas pelo poder do Espírito (Zacarias 4:6).

Versículo 17 — As Armadilhas do Coração

O versículo 17 proíbe três acúmulos fatais para o rei: *"Também não multiplicará para si mulheres, para que o seu coração não se desvie; nem multiplicará para si prata e ouro em grande abundância."* Estas três proibições formam um trio teológico que atinge os três principais desejos do coração humano decaído: o prazer, o poder afetivo e a riqueza material.

A Multiplicação de Mulheres

No contexto do harém real do Antigo Oriente Próximo, as esposas estrangeiras traziam seus deuses e práticas religiosas. Salomão é o exemplo canônico da violação desta lei — suas 700 esposas e 300 concubinas "desviaram o seu coração" (1 Reis 11:3). A idolatria entrou em Israel pelo leito real.

O Ouro e a Prata

O acúmulo de riquezas pelo rei criaria uma aristocracia opressora e quebraria a solidariedade fraternal que deveria caracterizar Israel. Jesus ensinou que "não podeis servir a Deus e a Mamom" (Mateus 6:24). O rei que acumula riquezas inevitavelmente começará a confiar nelas mais do que em Deus.



Atenção Pastoral: O desvio espiritual raramente começa com uma apostasia declarada. Começa com "multiplicar" — acumular progressivamente o que Deus proibiu, até que o coração perde sua orientação teocêntrica.

Versículo 18 — A Lei do Rei

O versículo 18 contém uma das instruções mais extraordinárias de toda a legislação mosaica: *"E será que, quando se assentar no trono do seu reino, então escreverá para si um traslado desta lei num livro, tirado daquele que está diante dos sacerdotes levitas."* O rei devia escrever, com suas próprias mãos, uma cópia da *Torá*. Esta lei é tão singular que o próprio livro de Deuteronômio recebe em grego o nome *Deuteronomion* — "segunda lei" ou "cópia da lei" — possivelmente em referência a este versículo.



O Ato de Escrever

Escrever a lei com as próprias mãos não era uma tarefa delegada a escribas reais. Era um exercício de humildade, memorização e comprometimento pessoal. O rei que escrevia a lei internalizava seus princípios de um modo que a mera leitura não proporcionava.



A Autoridade dos Levitas

A cópia devia ser feita do exemplar guardado pelos sacerdotes levitas — reconhecendo que a lei não pertencia ao rei, mas a Deus. O monarca não podia editar, abreviar ou reinterpretar a lei segundo seus interesses.



Cristo e a Lei

Jesus, o Rei perfeito, tinha a lei gravada em Seu coração (Salmo 40:8; Hebreus 10:7). Ele é a Palavra encarnada — a *Torá* divina em forma humana (João 1:14), o único governante cuja lei e natureza são idênticas.

Versículo 19 — O Hábito da Meditação

"E a terá consigo, e nela lerá todos os dias da sua vida, para que aprenda a temer o Senhor seu Deus, a guardar todas as palavras desta lei e estes estatutos, para os observar." — Deuteronômio 17:19 (KJA)

Este versículo é um dos mais belos do Pentateuco no que diz respeito à espiritualidade da liderança. O rei deveria ler a lei **todos os dias**, não apenas em ocasiões cerimoniais ou quando precisasse de orientação em casos difíceis. A leitura diária era uma disciplina de formação de caráter — o método pelo qual o governante seria constantemente moldado pelo padrão divino.

Temer a Deus: O Começo de Tudo

O propósito declarado da leitura diária é que o rei "aprenda a temer o Senhor". O *yir'at YHWH* (temor do Senhor) é, na sabedoria hebraica, a origem de toda virtude (Provérbios 1:7). Um governante sem o temor de Deus é um governante sem freio moral. Toda tirania começa quando o governante deixa de ter medo de algo maior do que ele mesmo.

A Meditação como Prática Real

O eco com Josué 1:8 e o Salmo 1:2 é evidente — a meditação diária na lei é o caminho para a prosperidade e o êxito verdadeiros. Jesus meditava nas Escrituras (Lucas 4:16-21) e as citava com autoridade em cada momento de tentação e ensino. Para o líder cristão, a Palavra não é uma ferramenta profissional — é o alimento diário da alma.

Versículo 20 — A Humildade do Poder

O último versículo do capítulo contém uma das afirmações mais contracorrentes de toda a legislação real do mundo antigo: *"Para que o seu coração não se eleve acima de seus irmãos, e não se aparte do mandamento, nem para a direita nem para a esquerda; a fim de que prolongue os seus dias no seu reino, ele e seus filhos, no meio de Israel."* Em todas as civilizações da antiguidade, o rei era divino ou semidivino. Aqui, o rei é reduzido a "irmão" — igual em dignidade humana aos súditos que governa.



O Poder sem Humildade

Coração elevado acima dos irmãos — a raiz de toda tirania e corrupção política.



O Poder com Humildade

Coração submisso à lei de Deus — o fundamento da liderança justa e duradoura.



A Bênção da Obediência

Dias prolongados para o rei e seus descendentes — a promessa de que a humildade diante de Deus é o caminho para a longevidade e o legado.

Cristo é o cumprimento supremo deste versículo. O Rei dos reis Se humilhou voluntariamente, lavou os pés dos discípulos, não desviou nem para a direita nem para a esquerda ao longo de toda a Sua vida terrena, e recebeu do Pai um reino eterno como herança (Filipenses 2:5-11). A humildade não foi uma fraqueza de Cristo — foi a expressão mais pura de Sua soberania.

Síntese: A Justiça como Reflexo do Caráter de Deus

Deuteronômio 17, em sua totalidade, não é apenas um código legal arcaico para uma nação do segundo milênio antes de Cristo. É uma **revelação do caráter de Deus** aplicada às estruturas humanas de poder, culto e governança. Cada lei aqui estabelecida reflete um atributo divino: a exigência de sacrifícios sem defeito revela Sua santidade; a punição da idolatria, Seu zelo; as garantias processuais das testemunhas, Sua justiça; a humildade exigida do rei, Sua graça.



A Supremacia da Lei sobre o Rei

O princípio central do capítulo é revolucionário: **nem mesmo o rei está acima da lei**. Em Israel, o monarca era um servo da lei, não seu senhor. Esta inversão do paradigma do poder absoluto das monarquias orientais estabelece a base para o

A Antecipação de Cristo

Todo versículo de Deuteronômio 17 pode ser lido como um negativo fotográfico de Cristo: onde o texto descreve o ideal, Cristo é o cumprimento; onde o texto descreve a falha humana, Cristo é a correção divina. Ele é o sacrifício perfeito (v.1), o fiel à aliança

Aplicação Prática: Liderança com Integridade

Os princípios de Deuteronômio 17 não ficaram enterrados nas areias do Sinai. Eles atravessam os séculos e chegam com uma urgência incontornável para todo aquele que exerce qualquer forma de liderança hoje — seja no ministério eclesiástico, no âmbito familiar, na esfera política ou no mundo corporativo. A questão não é se estes princípios são relevantes, mas se temos coragem de aplicá-los.

1 Modere os Excessos

O rei não devia multiplicar cavalos, mulheres, ouro ou prata. O princípio é a moderação intencional como forma de dependência de Deus. Todo líder cristão deve questionar: em que áreas da minha liderança estou confiando em recursos humanos ao invés da provisão divina? O ministério que cresce apenas por meio de estratégias de marketing, o pastor que acumula influência em vez de servir, o líder que busca riqueza pessoal através do ministério — todos violam o espírito deste versículo.

2 Leia a Bíblia Todo Dia

A instrução de ler a lei todos os dias não era sugestão — era mandamento. Para o líder contemporâneo, isto significa que a Palavra de Deus deve ser o critério final para todas as decisões. Não a consultoria, não a maioria, não a tradição eclesiástica, mas as Escrituras. A meditação diária não é uma disciplina devocional opcional; é o sustentáculo da integridade moral e espiritual.

3 Lidere como Irmão, Não como Senhor

O modelo bíblico de liderança é fraternal, não hierárquico no sentido tirânico. Cristo resumiu isto em Marcos 10:43-45. O líder que Se coloca acima dos irmãos — em atitude, em privilégios, em tratamento — viola o espírito do versículo 20 e se afasta do modelo cristocêntrico de poder como serviço.

O Chamado à Pureza: Combatendo a Idolatria Contemporânea



A idolatria de que trata Deuteronômio 17 não precisa de estátuas de pedra ou altares pagãos para se manifestar na vida contemporânea. O coração humano, como afirmou Calvino, é uma fábrica permanente de ídolos. Os "astros do céu" que seduziam Israel podem tomar hoje a forma de plataformas digitais, acúmulo de poder, reputação acadêmica, conforto material, ou qualquer outra realidade que gradualmente ocupe o espaço que pertence somente a Deus.

O Que Estamos Colocando Acima de Deus?

A pergunta não é retórica — é diagnóstica. O processo de idolatria descrito em Deuteronômio 17 começa sutilmente: um desvio aqui, uma concessão ali, até que o coração perdeu completamente sua orientação teocêntrica. Paulo, em Colossenses 3:5, identifica a avareza como "idolatria" — uma transposição direta deste princípio deuteronômico para o contexto da nova aliança.



O Sacrifício Racional: Romanos 12:1 convoca os crentes a oferecer seus corpos como "sacrifício vivo, santo e agradável a Deus" — o cumprimento neotestamentário da lei do sacrifício sem defeito de Deuteronômio 17:1.

Conclusão: Cristo, o Verdadeiro Rei

Deuteronômio 17 não encontra seu cumprimento final em nenhum monarca israelita. Nem Davi, o homem segundo o coração de Deus, cumpriu perfeitamente todas as exigências deste capítulo. Salomão, o rei mais sábio, violou sistematicamente cada uma das proibições dos versículos 16 e 17. A monarquia davidica, em sua totalidade, foi uma longa preparação pedagógica para o único Rei que jamais falhou.



O Rei que Entrou num Jumento

Onde os reis de Israel multiplicavam cavalos, Cristo entrou em Jerusalém sobre um jumento, cumprindo a profecia de Zacarias 9:9. Ele é o rei que não buscou poderio militar, mas a cruz redentora.



O Rei que Recusou as Riquezas

Tentado por Satanás com todos os reinos do mundo (Mateus 4:8-9), Cristo recusou. Ele que era rico Se fez pobre para nos enriquecer (2 Coríntios 8:9) — a negação definitiva de todo acúmulo.



O Rei que Cumpriu Toda a Lei

Cristo não veio abolir a lei, mas cumpri-la (Mateus 5:17). Ele é o único que satisfaz perfeitamente cada exigência de Deuteronômio 17 — o Cordeiro sem defeito, o Rei humilde, o meditador eterno da lei que é Ele mesmo, a Palavra encarnada.

A mensagem de Deuteronômio 17 converge, portanto, em uma única pessoa: Jesus Cristo, o Rei dos reis e Senhor dos senhores, em quem toda a legislação mosaica encontra seu telos — seu alvo, sua consumação e sua glória.

O Chamado Final

"Que a Palavra dirija seus passos em todas as decisões da vida. Que cada coração se incline diante do único Rei que nunca falhou — Jesus Cristo, o mesmo ontem, hoje e eternamente."

Medite na Palavra

Como o rei de Deuteronômio 17, leia as Escrituras todos os dias e deixe que elas moldem seu caráter e suas decisões.

Sirva com Humildade

Lidere como irmão, não como senhor. O modelo cristocêntrico de poder é sempre o de serviço e entrega ao próximo.

Guarde o Coração

Identifique os ídolos modernos em sua vida e renuncie a eles. Ofereça a Deus o que é melhor — seu coração inteiro e indiviso.

Dr. Teologia Prof. Jônatas Silva da Cruz

Teólogo

"Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção e para a instrução na justiça, a fim de que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente instruído para toda boa obra."

— 2 Timóteo 3:16-17 (KJA)

 COMENTÁRIO EXEGÉTICO ACADÊMICO

 ABORDAGEM CRISTOCÊNTRICA

DEUTERONÔMIO 17 — KJA